

LETRAS DE HOJE

Nº 114

DEZEMBRO DE 1991

INSTITUTO UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos de Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
E LETRAS - PUCRS

CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Ciotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

Prof. Dr. José Marcelino Poersch, Profa. Dra. Leci

Borges Barbisan, Profa. Dra. Regina Ritter

Lamprecht, Profa. Dra. Carmen Lúcia Matzenauer

Hernandorena, Profa. Dra. Lêda T. Martins, Profa.

Dra. Leonor Scliar Cabral

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Profa. Dra. Maria Eunice Moreira, Profa. Dra.

Maria Luiza Ritzel Remédios, Prof. Dr. Mons.

Urbano Zilles, Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles,

Profa. Dra. Ligia Militz da Costa, Profa. Dra.

Petrona Dominguez de Rodrigues Pasquês

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$24,00

Exterior US\$30,00

Número avulso R\$8,00

Formas de pagamento:

Cheque em nome da

Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

E-mail: edipucrs@music.pucrs.br

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Lingüística e

Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 - v.; 22cm Trimestral ISSN 0101-3335 1. Lingüística - Periódicos.2. Literatura - Periódicos I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405
805
CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/99 (06)
Periódicos: Lingüística (05)90
Periódicos: Literatura (05) 82/99

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos
de lingüística, literatura e língua portuguesa

Edição comemorativa



Consciência, Metacognição e o Processo Enseino/Aprendizagem da Linguagem

JOSÉ MARCELINO POERSCH

Organizador

Centro de Pesquisas Lingüísticas
PUCRS

SUMÁRIO

Apresentação	
Consciência e aprendizagem <i>José Marcelino Poersch</i>	5
<hr/>	
Uma questão terminológica: consciência, metalinguagem e metacognição <i>José Marcelino Poersch</i>	7
<hr/>	
Pela melhor definição das capacidades metafonológicas <i>Leonor Scliar-Cabral</i>	13
<hr/>	
A sensibilidade fonológica e o início da aprendizagem da leitura <i>Carla Aparecida Cielo</i>	21
<hr/>	
Alphabetic literacy and psychological structure <i>José Morais</i> <i>Régine Kolinsky</i> <i>Jesus Alegria</i> <i>Leonor Scliar-Cabral</i>	61
<hr/>	
Une étude sur la perception de l'accent primaire de langues étrangères <i>Jeanne Salsignac</i>	81
<hr/>	
Ação-reflexão lingüística e consciência <i>Onici Claro Flôres</i>	109
<hr/>	

Conexões entre produção textual e consciência lingüística <i>Jaqueline Golbspan Soroka</i>	141
Loquor, ergo sum: from communicative competence through bilingualism to metalinguistic/metacognitive development <i>Renzo Titone</i>	165
Compreensão leitora e inteligência <i>José Marcelino Poersch</i> <i>Luciana Kerber Chiele</i>	187

APRESENTAÇÃO

Considera-se a *aprendizagem* como um *processo cognitivo* que permite ao aprendiz construir novas conexões, modificar as já existentes e transferi-las e/ou aplicá-las a outras, ajustando-as às diferentes etapas do desenvolvimento global para atingir novos níveis de consciência. O *ensino*, por sua vez, é compreendido como uma *atividade sistematizada* que interfere no desenvolvimento dessa mesma aprendizagem.

A instrução escolar, segundo Vygotsky, “desempenha um papel decisivo na conscientização do processo mental por parte da criança. Os conceitos científicos, com seus sistemas hierárquicos de inter-relações, parecem ser o meio em que, primeiro, se desenvolve a consciência e o domínio do objeto, sendo mais tarde transmitidos para outros conceitos e outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conceitos científicos”. O fato de tornarmos-nos conscientes de nossas operações leva-nos a dominar essas mesmas operações.

É através da escola que a criança adquire consciência do sistema lingüístico, consciência essa que desempenhará papel preponderante no desenvolvimento de seu raciocínio. E ainda, segundo Vygotsky, “o ensino de uma determinada matéria influencia o desenvolvimento das funções superiores para além dos confins dessa matéria específica”. Disso infere-se que a aprendizagem consciente da linguagem favorece o desenvolvimento global do indivíduo.

O presente número de *Letras de Hoje*, v. 33, nº 4 (114) constitui uma edição comemorativa aos cinquenta anos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O tema central é *Consciência, metacognição e o processo ensino/aprendizagem da linguagem*. A edição é organizada pelo Centro de Pesquisas Lingüísticas do Instituto de Letras e Artes.

No artigo introdutório “Uma questão terminológica: consciência, metalinguagem e metacognição”, *José Marcelino Poersch*, do Curso de Pós-graduação em Letras da PUCRS e coordenador do Centro de Pesquisas Lingüísticas da mesma instituição, aborda alguns problemas terminológicos referentes à relação *linguagem e consciência*;

Leonor Scliar-Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina, presidente honorária da Associação Internacional de Psicolinguística Aplicada (ISAPL) e atual presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), tenta apresentar uma "melhor definição das capacidades metafonológicas";

Nesta mesma linha, Carla Aparecida Cielo, do Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS, retoma, com muita felicidade, o assunto problemático da "Sensibilidade fonológica e o início da aprendizagem da leitura";

Do Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Livre de Bruxelas, José Morais, Régine Kolinsky e Jesus Alegria, grupo reforçado por Leonor Scliar-Cabral, em seu artigo "Alphabetic literacy and psychological structure", faz distinção entre sensibilidade fonológica, consciência fonológica e consciência fonêmica;

Do Laboratório Jacques Lordat, da Universidade de Toulouse-Le Mirail, Jeanne Salsignac escreve "Une étude sur la perception de l'accent primaire de langues étrangères", nesse artigo analisam-se respostas à pergunta: Como é que um ouvinte percebe o acento primário em uma língua estrangeira?

Onici Claro Flôres, do Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS e do Curso de Letras da Faculdade Porto-Alegrense, em seu artigo: "Ação-reflexão linguística e consciência", analisa o pressuposto de que crianças preferem determinados tipos de atividade linguística a outros devido a seu desenvolvimento psico-sociocultural;

"Conexão entre produção textual e consciência linguística", é o artigo da psicopedagoga Jaqueline Golbspan Soroka, do Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS, onde a autora analisa o favorecimento que a estimulação das habilidades metalinguísticas propiciam a portadores de dificuldades no uso dos mecanismos coesivos na proficiência em produção de textos;

Renzo Titone, das Universidades de Roma (La Sapienza) e de Toronto, fundador e presidente honorário da Associação Internacional de Psicolinguística Aplicada (ISAPL) tenta esclarecer importantes aspectos modernos da psicolinguística e propicia algumas reflexões sobre a competência comunicativa como pivô do processo ensino/aprendizagem;

Na área da "Compreensão leitora e inteligência", José Marcelino Poersch e Luciana Kerber Chiele, ambos investigadores do Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS, relatam os resultados obtidos através de um estudo de campo que investigou a possibilidade de erigir a compreensão de textos em índice do nível de inteligência de leitores.

Porto Alegre, 15 de setembro de 1998

JOSÉ MARCELINO POERSCH

Uma questão terminológica: consciência, metalinguagem, metacognição

José Marcelino Poersch*

RESUMO – O processo da conscientização não é de natureza discreta; constitui um *continuum* que vai do totalmente inconsciente, passa por níveis que denotam pré-consciência, um simples dar-se conta (conhecimento tácito) e chega ao nível da consciência plena (conhecimento explícito), nível que permite explicitar e monitorar determinada atividade. A metalinguagem e a metacognição constituem atividades que pressupõem a consciência. Enquanto a metalinguagem se ocupa da descrição da linguagem (insumo e produto), a metacognição debruça-se sobre o processamento do conhecimento (processos cognitivos). Desta maneira um não pode estar em posição de superordenação em relação ao outro: estudam objetos diferentes.

ABSTRACT – The process of getting conscious does not exhibit a discrete nature; it constitutes a *continuum* that begins with a total unconsciousness, passes through several levels of sensibility and awareness, and arrives at a point of complete consciousness where specific activities can be explained, described, and controlled. Metalinguage as well as metacognition constitute two activities that presuppose consciousness. While metalinguage tries to describe language, metacognition is occupied with the process of cognition; they have different objects of study. Therefore, there cannot be a relation of superordination between them.

No artigo introdutório desta edição monográfica, gostaríamos de tecer algumas considerações a respeito de conceituações diversas dadas aos termos acima elencados e procurar chegar a um deno-

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

minador comum. Para o termo *metalinguagem*, por exemplo, nós, lingüistas, não podemos abrir mão de uma definição clássica, dada por Jakobson (1963) e reafirmada por Benveniste (1974). Não podemos aceitar que outras áreas de conhecimento ditem conceituações na nossa área e, tampouco, pretendemos conceituar termos que pertencem a outros campos do saber. Assim, nos reservamos o direito de manter, para o termo *metalinguagem*, a definição corrente em lingüística. Por outra, o termo *consciência* não será conceituado pela lingüística mas, sim, pela psicologia geral. Cognição e *metacognição* serão conceituadas pela psicologia cognitiva.

A linguagem consiste no uso de um sistema verbal para fins comunicativos. Nessa linguagem distinguimos o produto e o processo. Tanto podemos analisar um quanto outro. Se nos debruçarmos sobre o produto, e o descrevermos, teremos a *metalinguagem*. O processo – presente nas atividades lingüísticas da fala, da compreensão, da escritura, da leitura, da tradução – faz parte da cognição. O debruçar-se sobre esses processos para melhor entendê-los e para descrevê-los constitui *metacognição*: saber o que se sabe e como se sabe.

Iniciamos com o termo *consciência* pelo fato de esta constituir parte integrante tanto da metalinguagem quanto da metacognição (Fig. 2). Para a psicologia geral, a consciência constitui uma qualidade momentânea que caracteriza as percepções internas e externas no meio do conjunto de fenômenos psíquicos. É a intuição pela qual o indivíduo experiencia seus próprios estados psíquicos e/ou mentais e suas próprias ações. A psicologia cognitiva conceitua a consciência como o conhecimento que as pessoas têm de seus objetos mentais, sejam eles percepções, imagens ou sentimentos. Essa psicologia cognitiva preocupa-se em explicar os processos conscientes dos indivíduos quando esses indivíduos estão envolvidos no exercício de diferentes atividades. É nesse sentido que a psicolingüística faz uso do conceito de consciência.

Os conteúdos não presentes na consciência constituem o inconsciente. Na verdade, o inconsciente constitui o patamar onde inicia a escala da conscientização (Fig. 1). O processo de conscientização não é de natureza discreta; constitui um “continuum” no qual podem ser observados diversos níveis, sendo destacados os seguintes. Num dos extremos encontramos aquilo que está totalmente fora da consciência – o inconsciente. No outro extremo está aquilo que é plenamente consciente, aquilo que permite com que o objeto em foco seja controlado, seja alvo de reflexão e de manipulação e possa ser descrito – o plenamente consciente. No meio termo desses dois extremos, em formas diferentes, encontramos

aquilo que os psicólogos chamam de pré-consciente e que nós, psicolingüistas, preferimos denominar de *sensibilidade*, o simples dar-se conta de que algo existe, sem que isso oportunize considerações mais reflexivas que levem a explicar o como e o porquê. É nesse nível intermediário que descobrimos uma vasta gama de graus de conscientização. Posso ter consciência tanto do produto quanto do processo. A metalinguagem está mais ligada ao produto; o estudo dos processos lingüísticos constitui assunto da metacognição.



Fig. 1 – O continuum da conscientização

A *metalinguagem* é a linguagem sobre a linguagem. Como produto de uma atitude reflexiva em relação aos objetos lingüísticos e sua manipulação – monitoramento –, a metalinguagem refere-se às atividades lingüísticas que tornam a linguagem objeto de linguagem. A metalinguagem refere-se à linguagem; sua função única é descrever a linguagem. Relaciona-se às atividades de falar sobre a linguagem como objeto e como produto.

A metalinguagem pressupõe consciência. Só posso declarar aquilo do qual tenho consciência. Mas nem tudo aquilo de que tenho consciência pode ser objeto de declaração. Há conhecimentos declarativos e há conhecimentos procedurais. Quanto aos conhecimentos procedurais, quanto mais automatizados forem, menos consciência deles preciso ter. Constituem conhecimentos que, embora conscientes, não podem ser alvo de declarações.

É, sem dúvida, a consciência o elemento que nos permite fazer declarações explícitas sobre a linguagem e seus usos – *metalinguagem*. Se possuímos um nível baixo de consciência dos fatos – não permitindo uma descrição plena embora se consiga dar conta de sua existência –, em vez de falar de consciência, mais correto seria falar de uma sensibilidade, de um mero “dar-se conta de” (*awareness*).

Com base nas considerações acima, somos do parecer de que o termo cunhado por certos psicólogos da linguagem (Tunmer e Herriman, 1984; Titone, 1993) – consciência *metalingüística* – é impróprio por ser redundante. Traz o mesmo significado duas vezes. Toda metalinguagem pressupõe consciência. Não posso falar sobre a linguagem sem saber, sem ter consciência daquilo sobre o que falo. Então, o significado de consciência está tanto no termo *consciência*, quanto no termo *metalingüística*. A escolha possível de ser feita é entre metalinguagem e consciência lingüística. O terceiro termo – consciência metalingüística – deve ser evitado.

Após termos analisado os termos consciência e metalinguagem, vem a vez da *metacognição*. A cognição é um processo mental que permite a apreensão, o processamento e a recuperação de conhecimento, de informação. O estudo da cognição constitui a razão de ser da psicologia cognitiva (Eysenck e Keane, 1990) – preocupada em explicar os processos mentais que determinam o comportamento dos indivíduos. A psicologia cognitiva identifica dois processos básicos: o cognitivo e o metacognitivo. Os processos *cognitivos* dizem respeito aos aspectos automáticos e inconscientes ou aos aspectos pré-conscientes que são utilizados pelos indivíduos no momento em que desempenham alguma tarefa. Esses processos, por não serem conscientes, não podem ser controlados (monitorados). Os processos *metacognitivos* dizem respeito aos aspectos conscientes; ao mesmo tempo em que desempenha uma atividade cognitiva, o indivíduo lança mão (de forma voluntária) de algumas estratégias de ação e de reflexão que ele considera ideais para atingir o propósito desejado. Nesse sentido, diríamos que o indivíduo estaria monitorando seu próprio comportamento, e as estratégias por ele utilizadas são, portanto, metacognitivas. A metacognição consiste em debruçar-se sobre a cognição, saber como se conhece, refletir sobre os processos envolvidos nas atividades cognitivas.

Segundo Gombert (1992, p. 13), “metacognição é o campo que compreende: (1) o conhecimento introspectivo e consciente que indivíduos particulares possuem de seus próprios estados ou processos cognitivos; (2) a habilidade que esses indivíduos possuem de monitorar e planejar seus próprios processos cognitivos com o objetivo de alcançar deliberadamente um objetivo ou uma meta.

Quanto à relação *metalinguagem* e *metacognição*, não podemos concordar com autores como Flavell (1977), que consideram a metalingüística como merônimo – parte integrante da metacognição. Tais colocações só podem partir de estudiosos que provêm de áreas não pertencentes à lingüística. Acompanhemos o seguinte raciocínio (Poersch, 1998).

A linguagem constitui uma realidade bem distinta da cognição; seus objetivos não coincidem. Enquanto a linguagem está a serviço da comunicação, isto é, ela existe em função da comunicação, a cognição pode existir independente da comunicação, fora de qualquer tipo de comunicação. Nem tudo o que é cognição precisa de linguagem; nem tudo o que pertence à linguagem, pertence a cognição. A distinção torna-se mais clara ao compararmos metalinguagem com metacognição. A *metalinguagem* é a linguagem sobre a linguagem; pressupõe consciência. Assim, a descrição dos diversos níveis lingüísticos, das variedades dialetais, dos desvios e das interferências lingüísticas, da linguagem infantil, dos estilos e das tipologias de discurso, dos tipos de argumentação, nada tem a ver com metacognição. Por outro lado a *metacognição* é a cognição sobre a cognição. Existem inúmeras atividades específicas da metacognição que nada tem a ver com a linguagem: como adquirimos o conhecimento de mundo, como formamos os conceitos, como abstraímos e generalizamos, como transferimos conhecimentos, como solucionamos problemas. Essas atividades nada tem a ver com a linguagem propriamente dita embora, na maioria dos casos, sejam repassadas da linguagem, como é o caso do raciocínio e da formação de conceitos. O próprio pensamento, em si, nada tem a ver com a linguagem; existe independentemente da linguagem. Longe vai o tempo em que se afirmava que a linguagem era o suporte do pensamento. O pensamento é analógico; a linguagem é discreta. O pensamento somente se torna discreto na linguagem quando uma outra pessoa precisa tomar *conhecimento* do nosso pensamento: na comunicação. É nesse momento que cognição e linguagem se entrecruzam.

Se representarmos a linguagem e a cognição por dois círculos iguais parcialmente superpostos, verificamos a existência de um setor que pertence simultaneamente aos dois círculos. A parte da *linguagem* repassada de *consciência* permite o surgimento da *metalinguagem*. A parte da *cognição* repassada de *consciência* propicia o surgimento da metacognição. Em momento algum, podemos afirmar que existe o caso de inclusão de um círculo no outro, caso que caracterizaria a existência de uma relação de superordenação. Concluimos assim, ser de bom alvitre, a não utilização da afirmação, de certos estudiosos, de que a metalinguagem é parte integrante da metacognição ou é um tipo de metacognição.

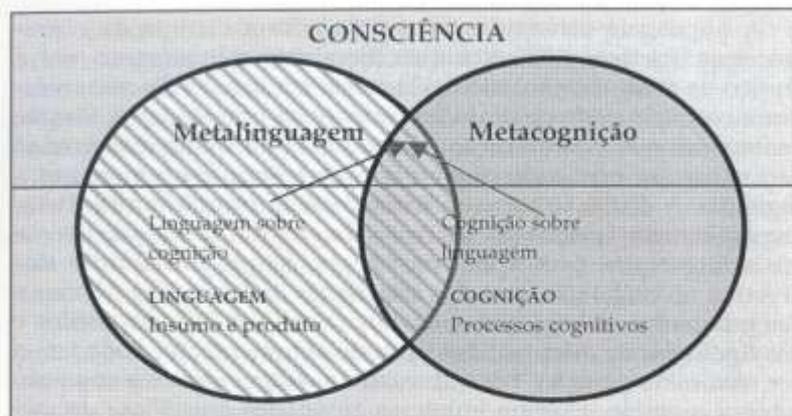


Fig. 2 – Relação entre linguagem/cognição e consciência

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. v. 2.
- EYSENCK, Michael, KEANE, Mark. *Cognitive Psychology: a students handbook*. San Francisco: Lawrence Erlbaum Associates, 1990.
- FLAWELL, J. H. *Cognitive development*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1977.
- GOMBERT, J. E. *Metalinguistic development*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Editions de Minuit, 1963.
- POERSCH, José Marcelino. Implicações da consciência linguística no processo ensino/Aprendizagem da linguagem. *Actas do 5º Congresso Internacional da Sociedade Internacional de Psicolinguística Aplicada*. Porto: ISAPL. (no prelo)
- TITONE, Renzo. A crucial psycholinguistic pre-requisite to reading: children's metalinguistic awareness. *Scientia Paedagogica Experimentalis*, v. 30, n. 17, p. 81-96, 1993.
- TUNMER, W. E., HERRIMAN, M. L. *Metalinguistic awareness in children. Theory, research and implications*. Berlin: Springer Verlag, 1984.